

Contra Impugnantes

Espaço destinado a combater a insidiosa e multiforme cultura liberal, que tem entre as suas raízes mais daninhas: uma falaciosa noção de liberdade humana; a idolatria — implícita ou explícita — da consciência individual; a separação entre natureza e moral; a contraposição entre Estado e indivíduo; a dissolução da Religião em categorias morais sem fundamento metafísico; a perda da noção de bem comum político.

sábado, 4 de fevereiro de 2012

A metafísica contra a teoria da evolução (II): resposta a uma objeção comum



(continuação deste texto)

Sidney Silveira

Estabelecido de que maneira se pode dizer que a forma é, na perspectiva metafísica, princípio de operação, de especificação e de inteligibilidade, abra-se um parêntese para responder a uma objeção comum de estudiosos de algumas ciências da natureza: os conceitos da metafísica não podem ser a elas aplicados — pois, entre a ciência metafísica e as dedicadas ao estudo da natureza, existe uma diferença *de objeto formal*.

Para responder a isto, partamos inicialmente da premissa de que a verdade é este **movimento accidental da potência intelectual** que culmina na assimilação imaterial da forma dos entes pelo intelecto.[1] Neste sentido, a verdade é *cum fundamento in re*. Ou seja: **há verdade quando a forma da coisa (que, nos entes compostos de matéria e forma, é princípio organizador da matéria) se transforma em forma inteligível**. E tal *species* inteligível, absolutamente imaterial, é mais ou menos abrangente conforme a universalidade do objeto assimilado pela inteligência.[2] Reiteremos, então, o princípio: **a verdade tem fundamento na coisa**,[3] na medida em que esta lhe serve de princípio

AJUDE O TRABALHO DO C.I.



**CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL**
AG: 0174,
OP. 013,
CONTA: 44234-7

VISITE O NOSSO SITE



Seguidores

Seguidores (669) [Próxima](#)



[Seguir](#)

Arquivo do blog

- ▶ 2017 (3)
- ▶ 2016 (25)
- ▶ 2015 (80)
- ▶ 2014 (149)
- ▶ 2013 (117)
- ▼ 2012 (156)
 - ▶ Dezembro (16)
 - ▶ Novembro (11)
 - ▶ Outubro (9)
 - ▶ Setembro (25)
 - ▶ Agosto (13)

ab extrinseco. Infelizmente, a história da filosofia mostra o quanto essa propriedade da verdade começou a esvanecer-se após **Duns Scot e sua *distinctio formalis***.

Pois bem, feita a referência a este aspecto relacional do **conceito de verdade** — pressuposto, de alguma forma, em todas as ciências, inclusive a biológica, malgrado as incontáveis divergências quanto ao seu teor —, passemos à observação de que **a metafísica, por ser formalmente *filosofia primeira*** (como ensinara Aristóteles), **fornece a todas as demais ciências os princípios sem os quais elas sequer poderiam ser chamadas propriamente de “ciências”,** a menos que apelemos a uma forçosa analogia. Assim, a matemática não pode desvincular-se do princípio da não-contradição (pressuposto em todas as suas premissas e operações), nem a física desvincular-se do conceito de movimento como trânsito da potência ao ato, nem a biologia, que estuda o ente enquanto possui vida (ou será que os animais não são “entes” viventes?) desvincular-se da noção metafísica de espécie. E isto simplesmente porque a categorização metafísica é formalmente *anterior* à das demais ciências, que pegam os seus princípios de empréstimo da filosofia primeira para lograr os fins a que orientam os seus estudos.

É claro que há correntes da matemática que tentam negar o estatuto do princípio de não-contradição. Isto é arqui-sabido, mas os textos desta série não se propõem expô-las nem apontar o seu erro flagrante neste tópico. **É claro que há correntes da física que parecem ignorar totalmente o conceito metafísico de movimento,** em toda a sua rica amplitude. **É claro que há correntes da biologia que parecem ignorar absolutamente o vínculo necessário desta ciência particular com aquela que, por sua natureza, é primeira e universal.**

Nestes casos, o que acontece é curioso: as ciências naturais, cujos objetos formais se referem a um universo mais ou menos demarcado, pretendem ultrapassar os limites que as especificam e fazer dos seus conceitos verdades omniabarcantes, como destaca o filósofo Carlos A. Casanova no estupendo livro *Reflexiones metafísicas sobre la ciencia natural*. E acabam, na prática, por transformar-se em má-metafísica. Um exemplo? Alguns físicos quando se põem a falar sobre a origem do universo e descambam a produzir teses que, em verdade, são um arremedo de metafísica — algo canhestro por partir da formulação de hipóteses que transcendem ao escopo de *todas* as correntes da física, sem que eles percebam.

Não vêem, por exemplo, que **a física pode especular, sem dúvida, sobre a origem do universo material[4]** (pois aborda o ente na perspectiva do movimento, que, nos entes compostos de matéria e forma, radica na potência da matéria), **mas não sobre a origem do ser.** E mais: sequer os problemas filosóficos a respeito da proveniência da *materia prima* — de que ainda falaremos na presente série —, ou da energia concentrada que, há 13,9 bilhões de anos, teria gerado o *Big Bang* (concedamos, por procedimento dialético, que ele tenha havido) são resolvíveis por uma filosofia da natureza, como a *physis*.

A metafísica, portanto, pode e deve imiscuir-se nos problemas de todas as demais ciências, quando estas contrariam os princípios indemonstráveis dela, que lhes servem de esteio. E tal “intromissão” lhe cabe de direito, em virtude da absoluta universalidade do seu objeto formal terminativo e, também, do seu grau de abstração superior ao de todas as demais ciências: o ente *enquanto ente* — ou o ente na medida em que é o que “tem ser” (*habet esse*), ou seja, tudo o que há.

- ▶ Julho (16)
- ▶ Junho (17)
- ▶ Maio (11)
- ▶ Abril (2)
- ▶ Março (8)
- ▼ Fevereiro (13)

Adoro te Devote — o hino eucarístico de Santo Tomás...

A conversão e seus frutos

A metafísica contra a teoria da evolução (VII): ai...

"Santo Tomás de Aquino: a Cidade em Ordem a Cristo...

O que ninguém vai lhe contar sobre o comunismo: a ...

A metafísica contra a teoria da evolução (VI): a n...

A metafísica contra a teoria da evolução (V): a cr...

Em breve, a Suma Teológica comentada (questão por ...

O fanático e a filosofia

A metafísica contra a teoria da evolução (IV): a d...

A metafísica contra a teoria da evolução (III): in...

A metafísica contra a teoria da evolução (II): res...

A metafísica contra a teoria da evolução (I)

- ▶ Janeiro (15)

- ▶ 2011 (198)
- ▶ 2010 (174)
- ▶ 2009 (225)
- ▶ 2008 (164)

Google

Com isto fica estabelecido que **a refutação da teoria da evolução que se logrará ao fim desta série é metafísica**, e, portanto, científica em elevado grau. Não trataremos de nenhum aspecto propriamente biológico, mas apenas da impossibilidade formal de as espécies — enquanto formas entitativas nas quais radicam determinadas potências — “evolúem” em outras.

Assim, não será trazido à baila nenhum argumento de biólogos, químicos, paleontologistas ou embriologistas como o **ex-evolucionista Soren Lovtrup**, cientista sueco, autor do demolidor livro *Darwinism: the refutation of a myth*. Apenas não posso deixar de assinalar que a sua conclusão está totalmente de acordo com a prova metafísica que apresentaremos no decorrer destes textos. É a seguinte: **algum dia, o mito darwinista será classificado como a maior de todas as fraudes científicas da história**.

Mas esqueçamos por ora Lovtrup, cujos argumentos, como se frisou, sequer serão citados (assim como não abordaremos em detalhe fraudes como a do **Homem de Piltown**, entre outras), pois a presente prova se dará em outra clave.

(continua)

1- A propósito, o fim do movimento, em sentido metafísico, culmina sempre na aquisição de uma nova forma.

2- A título de exemplo, um cardiologista, devido a seu conhecimento da natureza do coração humano, pelos exames identifica quando ele apresenta problemas, ou seja, quando as funções naturais do coração não se cumprem perfeitamente. Neste caso, a forma inteligível superior e mais universal abarca, inclui e/ou abrange a inferior, no seguinte sentido: **o conhecimento da doença proveio do conhecimento da coisa (o coração) em sua compleição natural**. Noutras palavras, **o conhecimento da substância, em sua integridade, é ontologicamente anterior ao conhecimento dos acidentes, embora muitas vezes seja cronologicamente posterior**. Os acidentes só se conhecem como acidentes à luz do conhecimento da substância — e é no seguinte sentido em que, na gnosiologia tomista, se diz que uma forma inteligível é mais abarcadora que outra: **quanto mais universal for uma forma inteligível, melhor será o conhecimento, porque mais *species* conterà em si**. Por isso, Deus, inteligência suma que se identifica absolutamente com o Seu próprio e infinito Ser, possui uma só forma inteligível (Ato Puro) que contém em si, perfeitamente, todas as demais.

3- Não nos custa lembrar que “coisa” (*res*) é um dos transcendentais do ser. Quando, portanto, se diz que a verdade tem fundamento na coisa (*in re*) não se está afirmando senão que ela tem fundamento no ser, do qual a coisa é um dos transcendentais. Disto se depreende que, **nesta relação entre conhecer e ser, o ser tem precedência ontológica** — com a óbvia exceção da inteligência divina, e, também, das inteligências angélicas, que têm as *species* inteligíveis das coisas *antes* mesmo de as próprias coisas serem, pois foram tais formas infundidas por Deus em suas inteligências. Mas deixemos este assunto de gnosiologia angélica para outra ocasião.

4- Advirta-se: especular sobre a origem do universo material no tocante à *matéria segunda*, que é potência para o ser acidental, mas não no tocante à proveniência da *matéria prima*.

Postado por Adm. às 19:29

Tema Simples. Tecnologia do **Blogger**.